



A PRESENÇA DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE NO BRASIL: UMA NARRATIVA A SER AMPLIADA

THE PRESENCE OF WOMEN IN THE CONSTRUCTION OF BRAZILIAN MODERNITY: A NARRATIVE TO BE EXPANDED

TABOSA, Mayara (1)

1. Universidade de Brasília. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
mayaratabosa@gmail.com

RESUMO

As incipientes pesquisas acerca da produção feminina na Arquitetura Moderna Brasileira revelam profissionais cuja linguagem moderna evidenciada em suas produções apontam uma participação na formação de uma arquitetura moderna nacional, com projetos de alta qualidade técnica que, ainda assim, são pouco conhecidos. A deficiência de informação sobre a produção de arquitetas atuantes no século XX, além de caracterizar uma lacuna na história da Arquitetura Moderna Brasileira, ameaça a preservação de um patrimônio que conta também o caminho de consolidação do cenário da arquitetura contemporânea, marcado pela ampla atuação feminina tanto no meio acadêmico quanto profissional. Este artigo apresenta, portanto, o mapeamento da presença de profissionais do sexo feminino em publicações da revista *Acrópole* (1932-1971), importante periódico de arquitetura do século XX, e a trajetória de três arquitetas que tiveram trabalhos publicados na revista: Lygia Fernandes, Odiléa Toscano e Rosa Kliass; com o objetivo de contribuir com o debate sobre legado feminino na Arquitetura Moderna Brasileira e seu reconhecimento, e também homenagear essas profissionais que foram algumas das precursoras da arquitetura brasileira.

Palavras-chave: Mulheres na Arquitetura Moderna Brasileira; Revista *Acrópole*; Fernandes, Lygia; Toscano, Odiléa Helena Setti; Kliass, Rosa Grena.

Abstract

*The incipient research on female production in Brazilian Modern Architecture reveals professionals whose modern language point to a participation in the formation of a modern national architecture. With projects of high technical quality that, even so, are little known. The lack of information on the production of architects working in the 20th century, in addition to characterizing a gap in the history of Brazilian Modern Architecture, threatens the preservation of a heritage that also accounts for the consolidation of the contemporary architecture scene, marked by the wide female performance both academic and professional. This article, therefore, presents the mapping of the presence of female professionals in publications of the magazine *Acrópole* (1932-1971), an important periodical of architecture of the 20th century. As well as the the trajectory of three architects who have published works in the magazine: Lygia Fernandes, Odiléa Toscano and Rosa Kliass; in order to contribute to the debate on the female legacy in Modern Brazilian Architecture and its recognition, and also to honor these professionals who were some of the precursors of Brazilian architecture.*

Keyword: *Women in Modern Brazilian Architecture; Acrópole magazine; Fernandes, Lygia; Toscano, Odiléa Helena Setti; Kliass, Rosa Grena.*

INTRODUÇÃO

Como aponta Cohen (2013), a história da arquitetura moderna contada nas bibliografias publicadas até os anos 1970 propagou “uma mitologia da arquitetura moderna que privilegiava o caráter radical de suas inovações” (CASTEX apud COHEN, 2013, p. 15) e, conseqüentemente, os grandes “mestres” desse período. Essa aparente linearidade na história, questionada pelo autor, que em seu livro traz o nome de diversos arquitetos pouco conhecidos – entre eles algumas mulheres atuantes na arquitetura e também em outras profissões – acabou deixando às sombras muitas contribuições relevantes na construção da Arquitetura Moderna Brasileira.

Sabe-se que as mulheres estão fortemente presentes no cenário profissional da arquitetura brasileira. Os esforços de pesquisadoras brasileiras em contar a história, também através de arquitetas e suas obras, vêm resultando em nomes até então ocultos à grande parte da classe profissional, acadêmica e principalmente aos leigos – que precisam também conhecer e reconhecer esse legado como patrimônio – entretanto, enquanto estudos acerca do gênero na arquitetura vêm se desenvolvendo desde a década de 1970 nos Estados Unidos e Europa, como enfatiza Lima (2013), na América Latina ainda há um longo caminho a ser percorrido.

Este contexto motivou a pesquisa feita para o trabalho de conclusão de curso intitulado “Arquitetas da modernidade na perspectiva da revista Acrópole: 1932-1971”¹, elaborado através de levantamento bibliográfico, coleta e análise dos dados da revista Acrópole (1932 - 1971), que possibilitou uma listagem de nomes e publicações referentes a diversas arquitetas atuantes no século XX, das quais foram escolhidas três para uma breve análise bibliográfica e profissional, a fim de situar e evidenciar suas produções na arquitetura moderna nacional.

Dentre os 22 nomes femininos encontrados no periódico, foram selecionadas as arquitetas Lygia Fernandes, Odiléa Helena Setti Toscano e Rosa Grena Kliass por terem recebido destaque relacionado ao pioneirismo e número de publicações da revista, mas que tiveram diferentes graus de reconhecimento se comparadas entre

¹ Desenvolvido pela autora sob a orientação da prof^a Me. WylInna Carlos Lima Vidal, apresentado à Universidade Federal da Paraíba, em novembro de 2017, para obtenção do grau de Arquiteta e Urbanista.

si; e esse grau de reconhecimento diverge ainda mais se comparado com o de outros colegas arquitetos atuantes no mesmo período.

Portanto, o presente artigo é resultado dessa pesquisa realizada, cujo objetivo principal é contribuir com o debate sobre legado feminino na Arquitetura Moderna Brasileira e seu reconhecimento, e também homenagear essas profissionais que foram algumas das precursoras na arquitetura brasileira.

O recorte espaço-temporal é a revista *Acrópole* (1932-1971), que não só abrangeu maior parte da arquitetura produzida no movimento moderno nacional, como faz parte de um grupo de revistas que “refletem o período de transição para afirmação da arquitetura moderna no Brasil” (MIRANDA, 2010, p. 9).

A partir da coleta e análise de dados e elaboração de um panorama geral da biografia e trajetória profissional dessas mulheres, o trabalho busca ampliar o olhar sobre a atuação feminina na arquitetura e suas nuances, resultando assim em algumas sondagens e questionamentos passíveis de pesquisas mais aprofundadas, que embora tenha feito parte efetivamente da construção da Arquitetura Moderna Brasileira e da consolidação do cenário profissional atual no qual as mulheres são maioria, segue ameaçado pela falta de reconhecimento.

1 MULHERES E A ARQUITETURA

Antes de chegarem às faculdades de arquitetura, as mulheres trilharam um longo caminho no acesso ao ensino: passaram a ter acesso bastante restrito à escola na segunda metade do século XVIII, quando as aulas eram lecionadas separadamente para meninos e meninas, nos poucos casos onde havia escola para o sexo feminino; sendo assim, as meninas, em geral, tinham aula em casa com uma preceptora, ou em conventos. Este cenário começou a mudar apenas no século XIX, com a chegada da família real no Brasil, que passou a investir mais na educação, e com a criação de escolas mistas no país no final desse século, conforme informações de Stamatto (2002). Sobre o acesso ao ensino superior, Motta (2014) cita as palavras da pesquisadora Nailma Marinho em notícia para o Bolteim da UFRJ:

Embora o ensino superior estivesse presente no Brasil desde 1808, com a vinda da família real, somente com a Reforma do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte e o Superior em todo o Império – instituída pelo Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, e que ficou

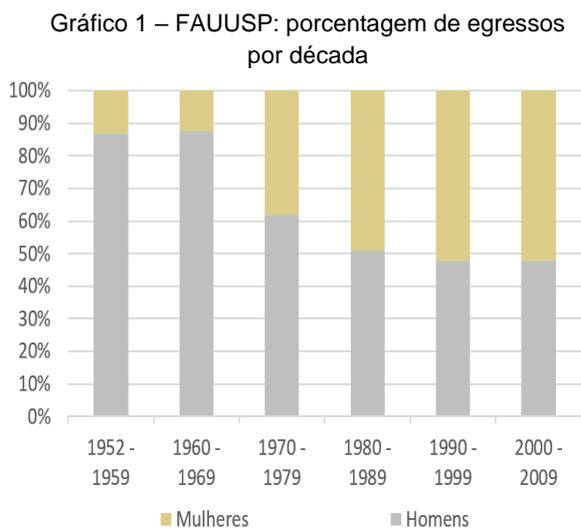
conhecida como Reforma Leôncio de Carvalho – a mulher passou a ter esse direito citado. [...] Desta forma, em 1887, Rita Lobato Velho Lopes (1867-1954) se torna a primeira mulher a se graduar no país na Faculdade de Medicina da Bahia, embora tenha iniciado seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e depois, por motivos familiares, se transferido para a faculdade em que se formou.

No que se refere ao ensino da arquitetura no Brasil, Oliveira (2011) aponta que na era colonial este se dava através de duas formas: das Aulas Militares, responsáveis pela formação de oficiais, os quais eram conhecidos como “engenheiros militares” ou “arquitetos militares”, encarregados pelos projetos de edifícios civis, fortes e alguns edifícios religiosos do Brasil colônia; e nas “corporações de ofícios mecânicos”, nos quais o conhecimento era passado de mestre para aprendiz no canteiro de obras ou na oficina do mestre, formando-se assim, carpinteiros, entalhadores, maceneiros, dentre outros profissionais que, muitas vezes, eram chamados de arquiteto.

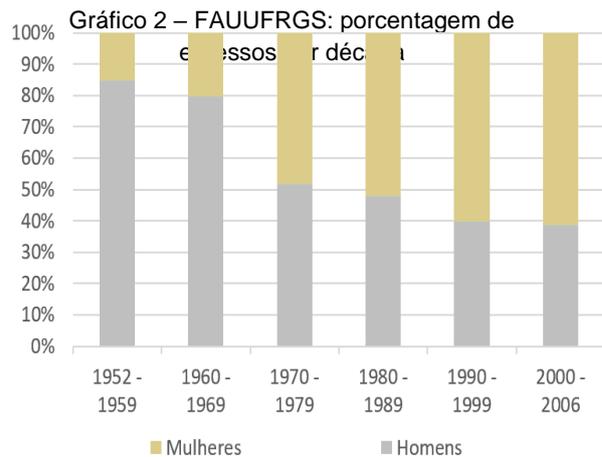
Em 1933, com a aprovação do Decreto nº 23.569/33, o ensino da arquitetura foi regularizado no país em três modelos distintos: através dos cursos de arquitetura, cursos de engenheiro-arquiteto e cursos de formação de engenheiros civis. A este ano, totalizavam-se, portanto, quatro cursos de arquitetura, dois de engenheiro-arquiteto e onze de engenheiro civil, sendo o mais antigo deles o curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, fundado em 1826, no Rio de Janeiro.

A fim de mapear a presença feminina na formação acadêmica em arquitetura, uma breve análise dos dados de Sá (2010) nos mostra que tanto na FAU-USP e na FAU-UFRGS (gráfico 1 e gráfico 2), duas das mais antigas do país, a quantidade de egressos de mulheres mais do que triplicou, comparando os números referentes ao recorte temporal da década de 1950 até os anos 2000. Observa-se também um aumento considerável de concluintes mulheres na décadas de 1970, em ambas as faculdades, sobre a qual Salvatori (2003, p. 1) ressalta:

A mesma tendência é detectada por Durand (1989) em âmbito brasileiro: entre 1970 e 1980, enquanto o número total de arquitetos cresce à razão de uma vez e meia (1,5), a participação feminina no interior da categoria profissional cresce sete (7,0) vezes. Muitas são as hipóteses que pretendem explicar o fenômeno; provavelmente, o fato se origine de uma conjugação destes fatores, podendo, conforme o contexto, tender mais a um ou outro.



Fonte: Sá (2010). Editado pela autora



Fonte: Sá (2010). Editado pela autora

Alguns dos motivos que explicam o aumento do número de mulheres graduadas no curso de arquitetura teriam sido o novo papel da mulher após a Segunda Guerra Mundial e o aumento da demanda de serviços nos quais as mulheres se inseriram de forma mais notória, segundo Salvatori (2003), e, como destaca Durand (1989), uma mudança na percepção da arquitetura como sendo mais ligada às artes e decoração, e menos às obras e engenharia; a desvalorização da profissão devido ao “boom” econômico pós-Ditadura Militar, desenvolvimento acelerado da construção civil e diminuição do rigor construtivo das edificações; além da Reforma do Ensino de 1962 e Reforma Universitária de 1969 que teriam, de certa forma, facilitado o acesso ao ensino de arquitetura às classes menos favorecidas, como afirma o autor.

Entretanto, ainda que as mulheres tenham se tornado maioria na formação acadêmica, como ilustram os dados de Sá (2010) citados anteriormente, e na atuação profissional, conforme aponta pesquisa feita CAU/BR em 2012, que afirma que mais de 60% dos profissionais com registros ativos são do sexo feminino – porcentagem que sobe para 73% ao analisar os números referentes aos profissionais com até 30 anos de idade – o reconhecimento das mulheres atuantes na arquitetura não acompanhou essas proporções.

Tal afirmação pode ser embasada, por exemplo, por dados com os da pesquisa da revista inglesa Dezeen, realizada com as 100 firmas de arquitetura listadas na

edição de 2017 da World Architecture 100², a qual revelou que “as mulheres ocupam apenas 10% dos cargos de alto escalão nas principais firmas de arquitetura do mundo, enquanto 16 delas não têm mulheres em cargos de chefia”; ou ainda pelos números de renomados prêmios da arquitetura, como Pritzker, que até hoje só teve uma mulher laureada individualmente, enquanto os homens totalizam 36 das demais premiações. Ao debaterem questões relacionadas às mulheres e ao mercado de trabalho, de uma forma geral, Arroio e Régner (2002) afirmam:

As barreiras visíveis e invisíveis, que mantêm as mulheres fora dos cargos mais qualificados e mais bem remunerados são inúmeras: a feminização de determinadas profissões e sua subsequente desvalorização, resistências sociais, a maternidade e a desigualdade na divisão das tarefas domésticas, a falta de massa crítica de mulheres nas organizações, entre outros. Só por meio da aquisição de poder pode-se transformar esse fato, ou seja, essa briga envolve poder e com certeza será travada nas esferas políticas, dentro de casa e nas empresas. (ARROIO e RÉGNIER, 2002 apud MALDANER, 2005, p. 34)

Ainda que esse não seja o debate central deste artigo, é indispensável termos ciência de algumas questões a ele relacionadas, a fim de contextualizar o caminho trilhado por essas profissionais e ratificar a importância de discutirmos acerca do reconhecimento de profissionais atuantes na arquitetura nacional, desde as precursoras do século XX, cujas contribuições permanecem às sobras na história da Arquitetura Moderna Brasileira, até as profissionais da atualidade.

O objetivo desse trabalho não é, assim como defende Lima (2013), compensar o silêncio sobre essas profissionais através do estudo de grandes personalidades femininas, mas sim contribuir e provocar o debate sobre a atuação feminina e suas contribuições através das três arquitetas apresentadas neste artigo.

2 REVISTA ACRÓPOLE

A revista Acrópole foi lançada em 1932 sob a direção de Roberto Corrêa de Brito e em 1953 foi vendida para Max Gruenwald, responsável pelo periódico até sua última edição em 1971. Almeida (2008) classifica esse segundo período da revista, de 1954 a 1971 em três fases:

² Compendium anual realizado pela revista britânica de arquitetura Building Design (BD), com as 100 maiores empresas de arquitetura do mundo.

- Primeira fase (janeiro de 1954 a abril 1959): abarca as edições de 181 a 246 e é marcada pela publicação na íntegra do Boletim Mensal do IAB/SP no periódico, que se dava principalmente pelo interesse do IAB/SP em levar suas discussões para além das reuniões do Instituto, como pela Acrópole em comercializar seu exemplares, que seriam adquiridos por qualquer profissional que quisesse ter acesso ao Boletim Mensal. Esta fase também foi um momento de remodelação da revista, que procurava definir seu perfil e particularidades juntamente com a nova direção.
- Segunda fase (abril de 1959 a fevereiro de 1964): tem início com o fim da circulação do Boletim Mensal do IAB/SP, que é substituído por uma espécie de resumo do boletim publicado na sessão “noticiário”, que foi reformulada para receber informações sobre premiações, concursos e demais temas relacionados à arquitetura e à classe profissional. Também é acrescentado no editorial a coluna “Conheçamos o Brasil”, posteriormente renomeada para “Igrejas do Brasil”, que contia informações sobre diferentes localidades do país; além de ter publicado a sessão “Pioneiros do Movimento Moderno”, de abril de 1962 (edição 281) a novembro de 1963 (edição 300), contendo uma pequena bibliografia de 18 personalidades do movimento moderno internacional.
- Terceira fase (fevereiro de 1964 a dezembro de 1971): é marcada pela forte presença de Eduardo Corona, que passa a assinar muitos dos editoriais.

É um momento quando são evidenciadas mudanças no caráter das publicações relacionadas principalmente às novas questões da arquitetura e do urbanismo modernos, com grande exposição de proposições de concursos e obras públicas. As notícias e atualidades nessa fase possuem um espaço ainda menor, abrigando resumos das principais atualidades referentes aos temas de arquitetura e urbanismo ou de áreas correlacionadas e de interesse desta profissão. (ALMEIDA, 2008, p. 118)

De acordo com Segawa (2014), a qualidade da revista não é atribuída apenas a Gruenwald, mas a “arquitetos-consultores e colaboradores que ao longo da longa existência (...) delinearam as diversas personalidades da Acrópole ao longo de mais de três décadas, compondo um impressionante e surpreendente testemunho de época” que, após quase 40 anos em circulação, deixou de circular por motivos financeiros, como afirma o ex-editor em entrevista à Revista Projeto Design.

Na mesma década em que a Acrópole saiu de circulação, ocorreu também o “boom” econômico pós Ditadura Militar e a queda na qualidade da produção arquitetônica

em decorrência do rápido crescimento da indústria da construção civil, que passou a focar mais na quantidade de obras, do que na qualidade delas. Pode-se dizer, portanto, que a revista Acrópole acompanhou quase que todo o período da arquitetura moderna no Brasil, desde a sua introdução no país até o estabelecimento do que hoje identificamos como Arquitetura Moderna Brasileira, seu auge na década de 1950 até seu declínio nos anos 1970.

3 AS ARQUITETAS

LYGIA FERNANDES

A arquiteta Maranhense foi a primeira mulher brasileira a ter um projeto publicado na Acrópole, em 1955. Antes dela, apenas Suzana Osborn Coelho, arquiteta paisagista americana, esposa do renomado e também arquiteto paisagista Roberto Coelho Cardozo, teve trabalhos publicados no periódico no ano de 1954 – os quais foram realizados com coautoria do seu esposo.

Além de ser a primeira brasileira a estampar as páginas do periódico, em 23 anos de publicação, Lygia Fernandes é uma das únicas três mulheres que tem projetos de autoria exclusivamente feminina publicados na revista e a única delas que não é natural do Estado de São Paulo, onde a Acrópole era produzida.

Confome informações de Silva (1991), a arquiteta nasceu em São Luís e se formou na primeira turma da Faculdade Nacional de Arquitetura, da Escola Nacional de Belas Artes, no ano de 1945, quando a denominação da classe profissional mudou de “engenheiro-arquiteto” para apenas “arquiteto”. Sendo assim, a sua formação acadêmica se deu em um período de intenso debate e consolidação da arquitetura moderna nacional; teve professores com diretrizes ecléticas, neoclássicas e modernas, mas foram os princípios modernos que direcionaram os estudos de Lygia Fernandes.

Estagiou com Jorge Moreira, com quem veio a trabalhar posteriormente e acompanhou Affonso Eduardo Reidy e Carmem Portinho nas obras realizadas no início dos anos 1950 – incluído a do Pedregulho – e também teve relações profissionais com Henrique Mindlin.

Nas décadas de 40 e 50, por exemplo, a brasileira Lygia Fernandes atuava nos meios arquitetônicos modernistas com desenvoltura. Participou do concurso para o projeto da sede do Jockey Club Brasileiro, com Francisco Bolonha, Giuseppina Pirro e Israel Correia classificando-se em 2º lugar.

Embora não construído, o projeto mereceu a publicação na revista *Architecture d'Aujourd'hui* (nº 21) e na *Revista de Arquitetura* de Julho/Agosto de 1947. (LIMA, 2013, p. 91)

Ainda que fosse reconhecida no meio profissional, Lygia Fernandes optou pelo serviço público: trabalhou no Departamento de Habitação Popular, de onde foi transferida em 1960 para o Departamento de Parques e Jardins e depois para o Departamento de Estradas de Rodagem, onde permaneceu até sua aposentadoria, em 1989, como afirma a arquiteta, em entrevista concedida em 2002.

As obras de sua autoria que aparecem na bibliografia são localizadas na cidade de Maceió (AL) onde a arquiteta tinha vínculos familiares, segundo informações de Silva (1991), e são datadas da década de 1950. Demonstram um domínio da linguagem formal da Arquitetura Moderna Brasileira, com soluções responsivas e adaptações relacionadas à cultura local, além de mostrar também domínio técnico, tendo em vista que no projeto das duas residências que se tem conhecimento que foram elaboradas por Lygia Fernandes, a arquiteta quem assinou também os projetos elétrico e hidráulico, o detalhamento construtivo, paisagismo, desenho dos azulejos, além de todos os móveis da residências Paulo Neto e José Lyra.

Muito pouco se sabe sobre Lygia Fernandes, sua trajetória profissional ou suas obras. A arquiteta é citada por Cortês (2011) e Lima (2013), e mencionada em algumas páginas online que pouco falam ao seu respeito; mas as informações mais precisas sobre esta profissional encontram-se na duas páginas do livro de Mindlin (1999), no livro de Silva (1991) e em entrevista concedida a Costa (2002).

Nos últimos anos, Huapaya Espinoza e Vasconcelos (2019) publicaram no *DOCOMOMO* seu artigo intitulado “Lygia Fernandes: uma arquiteta modernista” e Silva (2018) também fala sobre Lygia no seu trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFAL

A produção “invisível” de Lygia Fernandes mostra uma indiscutível relevância no contexto da arquitetura moderna brasileira, principalmente considerando a modernização do contexto na qual se inseriu – a cidade de Maceió, primordialmente – e seu reconhecimento profissional na época, que é citado pelas principais fontes de pesquisa; mas está seriamente comprometida devido à falta de conhecimento e reconhecimento de suas obras.

ODILÉA HELENA SETTI TOSCANO (1934 -2015)

A arquiteta natural de São Bernardo do Campo, que nasceu em uma família bastante influenciada pela cultura e pelas artes, chama atenção por ser uma das arquitetas com maior número de publicações na revista: aparece pela primeira vez no periódico em 1965 com um projeto de “Praça e jardim público” e novamente em 1967 e 1969 com dois projetos privados, sendo os três realizados em parceria com João Walter Toscano, seu sócio e esposo.

Além disso, Odiléa Toscano assina uma publicação da edição 338, de 1967, que estampa algumas páginas com seus trabalhos de “Azulejos e ladinhos; painéis a óleo; artes gráficas”, o que indica não só a versatilidade de atuação da arquiteta, mas também a relevância do seu trabalho, que a enquadra em um seleto grupo de mulheres designers que tem seus trabalhos publicados na Acrópole.

Segundo informações de Goldchmit (2008), Odiléa Toscano iniciou o curso de Arquitetura na FAUUSP no ano de 1953, em uma turma com 4 colegas mulheres e 25 colegas homens imersos em uma “formação pluralista”³ característica da faculdade onde estudaram: além de terem sido alunos de nomes de destaque da Arquitetura Moderna Brasileira, como Vilanova Artigas, Rino Levi, Abelardo de Souza e Carlos Lemos, tiveram aulas com profissionais com Renina Katz, artista brasileira que se destacou como ilustradora, desenhista e gravadora, sendo constantemente incentivados pela interdisciplinaridade com as artes plásticas.

Começou a ser conhecida pela qualidade de seus trabalhos ainda na faculdade, através das exposições “Artistas de Domingo” realizadas pela FAU, e por outras realizadas fora do meio acadêmico, que lhe renderam trabalhos como os desenhos da proposta de Jorge Wilhelm para o Plano Piloto de Brasília. Formou-se em 1958, mesmo ano em que se casou com João Walter Toscano, parceiro também no meio profissional.

Teve seu trabalho publicado pela primeira vez em 1957, na seção de artes plásticas no Suplemento Literário de O Estado de São Paulo e passou a ser ilustradora e designer efetiva da Editora Brasiliense de 1959 a 1966, onde desenvolveu mais de 40 capas para a coleção “Jovens do Mundo Todo” dignas de difusão internacional, como afirma Goldchmit (2008). Em paralelo, começou a ensinar no Curso de

³ GOLDCHMIT, 2008, p. 7.

Formação de Professores de Desenho da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em 1960, e nos anos seguintes passou por outras instituições até ingressar para o corpo docente da FAUUSP, no Grupo de Disciplinas de Programação Visual do Departamento de Projeto, onde lecionou até sua aposentadoria da carreira docente, nos anos 2000, aos 66 anos de idade.

Ao longo de sua carreira desenvolveu diversos trabalhos de design ligados à arquitetura, tanto em propriedades privadas, quanto em espaços públicos, onde teve maior destaque. Na dissertação “Odiléa Setti Toscano: do desenho ao design”, Sara Miram Goldchmit estuda em detalhes muitos desses trabalhos, seus princípios e correlações e, ao falar sobre os murais para as estações do metrô de São Paulo, que foram parte da iniciativa “Arte do Metrô” e de grande importância na carreira de Odiléa, a autora aponta alguns dos princípios da obra da arquiteta:

De certa forma, a produção de projetos de design visual destinados ao uso público já era um desafio cotidiano para Odiléa que, desde as primeiras ilustrações para o Suplemento Literário do jornal O Estado de S. Paulo, sempre teve os seus desenhos reproduzidos graficamente em largas tiragens, ou seja, dirigidos a toda a sociedade. Pode-se então afirmar que a cidade – além de comparecer como tema frequentemente representado nos trabalhos de design impresso, transparecendo suas inquietações enquanto arquiteta – é mais uma vez o destinatário de sua mensagem visual, desta vez sob a forma de intervenções cromáticas na arquitetura (GOLDCHMIT, 2008, p. 118)

Sobre sua produção na arquitetura, não foram encontradas pela presente pesquisa obras assinadas exclusivamente pela arquiteta. Entretanto, analisando a cronologia das obras de João Walter Toscano, em Artigas (2002), observa-se que em muitos projetos o paisagismo está sob o nome de Odiléa Toscano, o que mostra mais uma vez a relação da arquiteta com as questões relacionadas à cidade, mas ainda assim se sabe muito pouco sobre a atuação da arquiteta nesse campo da arquitetura. Ademais, alguns dos projetos dos quais esta profissional foi coautora foram ganhadores de concursos e prêmios, como o Iate Clube de Londrina e a Estação Largo 13 de Maio.

Sobre sua participação nos projetos realizados com João Walter, nos quais Odiléa Toscano desenvolveu o estudo cromático e painéis e murais para alguns, a arquiteta comenta a forma conjunta como se dava a concepção dos projetos:

[...] A maior parte dos trabalhos que desenvolvi nesse sentido referia-se a projetos nossos, que acompanhei desde o início, até a construção, onde as propostas cromáticas nasceram junto com os primeiros croquis, ao menos a

nível de intenção. Nessas condições, a partir do estudo preliminar, ficavam definidos, com bastante aproximação, os suportes que deveriam receber pintura e aqueles elementos que permaneceriam sem revestimento, revelando seu próprio material, como o concreto, o aço, o tijolo, o vidro. (TOSCANO apud GOLDCHIMIT, 2008, p. 119).

Os trabalhos de design gráfico desenvolvidos por ela são, sem dúvida, um grande diferencial na sua obra não só pela sua qualidade gráfica, mas pela preocupação como arquiteta na qualidade do espaço e utilização das artes gráficas como extensão da obra arquitetônica, que é aplicada estrategicamente, com estudos que direcionem suas cores e formas conforme a necessidade do espaço e do usuário. Entretanto, sua atuação de décadas como arquiteta paisagista, em projetos urbanísticos e também em restauro e projetos arquitetônicos, mostram uma versatilidade ainda silenciosa sobre a atuação de Odiléa Toscano, mesmo quando se trata de projetos como a Estação Largo 13, cujo diferencial é creditado em grande parte ao estudo cromático e painéis da estação, que também foram definidores nas decisões projetuais e, ainda assim, em muitas fontes de pesquisa não há menção à imprescindível participação da arquiteta no projeto.

ROSA GRENA KLIASS (1932)

Nascida em São Roque, interior de São Paulo, Rosa Kliass é a arquiteta que acumula a maior quantidade de publicações no periódico, número muito superior ao de suas colegas que apareceram múltiplas vezes na revista: enquanto Odiléa Toscano, por exemplo, tem quatro publicações, Rosa Kliass acumulou dez publicações projetuais e duas publicações na sessão “Prancheta viva”, que trazia desenhos de detalhamentos contrutivos. Além disso, Rosa Kliass estampa algumas páginas da edição 361, de 1969, com um projeto de autoria exclusivamente feminina, feito com Miranda Martinelli, para praças da cidade de São Paulo, intitulado de “Áreas verdes de recreação”.

Ingressou na FAUUSP em 1951 e em seu último ano de graduação foi adicionada à grade curricular do curso a disciplina de arquitetura paisagística, ministrada pelo arquiteto paisagista americano Roberto Coelho Cardozo. Foi então que Rosa Kliass entendeu aquilo imediatamente como sua missão (CAU/RJ, 2016), e veio a se tornar a primeira arquiteta paisagista do Brasil.

Graduou-se em 1956, mesmo ano em que se casou com o também arquiteto e colega da FAU, Wladimir Kliass (1929 – 1985), com quem desenvolveu diversos projetos, incluindo os primeiros publicados pela Acrópole. À época que ingressou no mercado de trabalho, o único arquiteto paisagista no Brasil era Roberto Burle Marx, radicado no Rio de Janeiro e atuante em um campo ainda muito pouco explorado no Brasil, no qual Rosa Kliass logo adentrou, realizando projetos em diversos Estados do país.

Estagiou com Abelardo de Souza, Rino Levi e também com Jorge Wilhelm, com quem desenvolveu diversos projetos de grande porte durante sua carreira: entre eles o Plano Diretor de Angélica (1954), considerado o primeiro plano diretor do Brasil, a proposta para o Plano Piloto de Brasília (1957), o Plano Diretor de Curitiba (1964), Plano urbanístico de Joinville (1965), o projeto vencedor para a revitalização do Vale do Anhangabaú (1970), dentre outros.

Na Acrópole, os primeiros projetos publicados com assinatura de Rosa Kliass são de propriedades privadas projetadas juntamente com seu esposo. Entretanto, as publicações seguintes já contam com a sua arquitetura paisagística no projeto de outros arquitetos, o que indica um reconhecimento no meio profissional e uma expansão da sua atuação para além do escritório que tinha com Wladimir Kliass.

Na década de 1960 foi convidada pelo então prefeito de São Paulo, Faria Lima, para fazer o projeto do Parque do Morumbi, “o primeiro projeto de parque da cidade elaborado por um profissional e feito pela prefeitura com alguém de fora do staff” (KLIASS, 2012); e em seguida foi novamente contratada junto à Miranda Martinelli para desenvolver o projeto de 44 praças da cidade de São Paulo - o primeiro planejamento paisagístico para a cidade, publicado na Acrópole sob o título de “áreas verdes de recreação” e ganhador do prêmio “Carlos Milan”, também mencionado no periódico.

Em 1970 trabalhou no Consórcio de Desenvolvimento Integrado dos Municípios do Vale do Paraíba (Codivap), trabalho que resultou na compilação do livro “Caracterização do conhecimento do Vale do Paraíba, Codivap 1971”, sobre o qual Rosa Kliass afirma em entrevista à revista AU: “dele derivou a política do planejamento regional. Foi muito bonito, foi o maior momento de produção de conhecimento que já tive”.

Entre 1974 e 1977 foi professora da Mackenzie e nos anos 1980 ingressou no corpo docente PUC-PR, onde iniciou o curso de pós-graduação em arquitetura paisagística juntamente a Fernando Magalhães Chacel. Fundou a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (ABAP) em 1970 com o intuito de “assistir, promover, apoiar, incentivar e desenvolver ações científicas, tecnológicas, educacionais, culturais, sociais e ambientais que visem o desenvolvimento, a divulgação e a valorização profissional da Arquitetura Paisagística no país” (ABAP, 2017), princípios que estiveram sempre ligados à luta de Rosa Kliass pelo reconhecimento da profissão no país.

Em 1982 assumiu a diretoria da Secretaria Planejamento Urbano de São Paulo a convite de Wilhelm e, a partir dos anos 1990, se destacam na sua produção os parques que desenvolveu principalmente em Salvador, Belém e São Paulo, além do paisagismo do aeroporto de Brasília e do Parque da Juventude.

Rosa Kliass não foi pioneira apenas na arquitetura paisagística, mas conquistou uma projeção profissional em uma época onde muitas arquitetas trabalhavam com seus maridos e acabavam não recebendo o mesmo reconhecimento que os parceiros, a exemplo da própria Odiléa Toscano, ou outras como Denise Scott Brown ou Myriam de Melo Cordeiro, esposa do renomado arquiteto pernambucano Vital Pessoa de Melo, mencionada no artigo no qual Gáti (2016) aborda questões relacionadas ao tema. Mesmo assim, ainda que Rosa tenha sido sócia de Wladimir Kliass, o nome da arquiteta sobreexcedeu o do esposo ainda na época na qual dividiam o mesmo escritório.

Até hoje é reconhecida pelo seu trabalho desenvolvido pelo escritório que leva o seu nome: Rosa Grena Kliass - Arquitetura Paisagística, Planejamento e Projetos, cuja trajetória de mais de 50 anos que “se confunde com a própria origem do paisagismo no Brasil” (PEREIRA e PEDRONI, 2016)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado ao longo do artigo, compreendemos que a atuação feminina no meio profissional da arquitetura se deu de forma abrangente – tendo em vista que em uma breve análise de três dessas arquitetas vemos a competente atuação em diversas áreas da arquitetura - e significativa no contexto da produção

da arquitetura nacional do século XX, mas que são, ainda assim silenciadas, estando às “sombras” da história da Arquitetura Moderna Brasileira, tendo em vista serem invisibilizadas.

Tal fato é facilmente comprovado quando se coloca em números a disparidade entre a projeção de homens e mulheres no periódico: com base nos dados de Almeida (2008) e na pesquisa que deu origem ao presente trabalho, foram contabilizados 520 projetos residenciais assinados por homens, sendo 13 deles com coautoria de mulheres e apenas 2 projetos de autoria exclusivamente feminina, ou seja, as mulheres assinam apenas 2,8% dos projetos residenciais publicados, dados que nos deixam mais atentos às análises de Lima (2013), em que declara, ao analisar a publicações especializadas em arquitetura, até finais dos anos 1990, ser a autoria feminina desvalorizada e velada nos projetos arquitetônicos, principalmente os de grande porte.

Outra questão que levanta curiosidade é que Lygia Fernandes é a única arquiteta, juntamente com Lina, que aparece no livro “Arquitetura Moderna no Brasil” de Mindlin, com quem matinha laços profissionais, e seu trabalho é publicado em uma mesma edição onde são publicados alguns trabalhos de Henrique Mindlin nas páginas seguintes; assim como Rosa Kliass aparece pelas primeiras vezes no periódico em edições que Jorge Wilhelm também etampa páginas da revista. Embora não haja dados que comprovem tal relação entre os contatos profissionais e a oportunidade de projeção em um meio tão restrito às mulheres, acredito que é uma questão a ser analisada mais profundamente e que pode, talvez, nos trazer algumas respostas com relação às oportunidades de mercado para a mulher arquiteta do século XX.

Em sequência, as relações profissionais entre cônjuges, como no caso de Rosa Kliass, Odiléa Toscano e outras profissionais que aparecem no periódico que publicam projetos realizados em coautoria com seus esposos, é um fato já percebido por outros pesquisadores como Gati (2016), cuja complexidade e importância se mostram passíveis de estudos mais profundos acerca dessas relações.

Por fim, diria que as três profissionais encontradas nos trazem algumas inquietações: Lygia Fernandes, a mais velha delas, é a arquiteta com maior escassez bibliográfica a seu respeito, mas o pouco conhecimento que se tem acerca

de sua carreira sinaliza que ela conquistou um espaço no mercado de trabalho que era ainda mas restrito à atuação feminina do que na época de suas sucessoras, além de indicar grande domínio técnico e formal da Arquitetura Moderna Brasileira; Odiléa Toscano, que embora seja mais reconhecida pela sua ampla atuação no design, mostra uma versatilidade na sua produção arquitetônica muitas vezes “silenciosa” diante da assinatura de João Walter Toscano e uma singularidade na constante preocupação com o estudo cromático das obras, bem como a comunicação entre arquitetura e design; e Rosa Kliass, pioneira na arquitetura paisagística, mostra vasto conhecimento também sobre urbanismo e projetos de arquitetura e a conquista de um espaço aclamado no meio profissional, cujo nome é, ainda assim, pouco conhecido por muitos. Apesar disso, o trabalho desenvolvido por elas nos mostra que, assim como outras profissionais, fizeram parte na produção da arquitetura moderna nacional, de forma ativa.

Embora ainda haja um longo caminho a percorrer no tocante à contribuição feminina na arquitetura moderna da América Latina, como afirma Lima (2013), o reconhecimento acerca da atuação e produção dessas mulheres na arquitetura nacional e o conhecimento de nuances dessa “invisibilidade” não são de importância apenas para o contexto histórico da Arquitetura Moderna Brasileira, mas também no reconhecimento da relevância dessa produção, cuja conservação segue cada vez mais ameaçada pelo “silêncio” sobre o seu valor, assim como para a contemporaneidade, tendo em vista que as produções e contribuições femininas, salvando as devidas proporções, seguem sendo minimizadas nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS

ABAP. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARQUITETOS PAISAGISTAS. Sobre. Disponível em: <<http://www.abap.org.br/sobre>> Acesso em: 29 out. 2017.

ALMEIDA, Maisa Fonseca de. **Revista Acrópole publica residências modernas** – análise da revista Acrópole e sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos de 1952 a 1971. 456f. Dissertação (mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

COHEN, Jean-Louis. **O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 594p.

CORTÊS, Carla Mirella de Oliveia. **Moderno brasileiro em Moçambique, 1950- 1975: a importação de uma imagem**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Arquitetura. Recife, 2011. 252º. :il.

DURAND, Jose Carlos. **Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

ESPECIAL 8 de março: **Mulheres são maioria no mercado de Arquitetura e Urbanismo**. CAU/BR, 8 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/mulheres/>> Acesso em 3 jul. 2017.

FAIRS, Marcus. Survey of top architecture firms (...). **Dezeen, Londres**, 17 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.dezeen.com/2017/11/16/survey-leading-architecture-firms-reveals-shocking-lack-gender-diversity-senior-levels/>> Acesso em 09 abr. 2018.

FERNANDES, Lygia. *Depoimento* [10 mai. 2002]. Entrevista concedida a Marcos O. Costa. Disponível em < <https://marcosocosta.wordpress.com/2010/12/24/entrevista-com-lygia-fernandes/>> Acesso em 17 ago. 2017.

GÁTI, Andrea Halász. **Esposas**: atuação em Arquitetura, Interiores e Design. In: *IV enanparq – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, 9 ed., Porto Alegre, 2016. Sessão temática: arquitetura, gênero e sexualidade. 18p.

GOLDCHMIT, Sara Miriam. **Odiléa Setti Toscano**: do desenho ao design. São Paulo, 2008. 156p. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo.

GOLDCHMIT Sara Miriam; LOSCHIAVO, Maria Cecília; SANTOS, Luciene Ribeiro. **Odiléa toscano**: design visual, espaços públicos e ensino. Pós. São Paulo, v.22 n.38, p. 38-57, dez. 2015.

HUAPAYA ESPINOZA, Jose Carlos; VASCONCELOS, Clara Demettino Castro. **Lygia Fernandes**: uma arquiteta modernista. In: 13º Seminário Docomomo_Brasil, 2019, Salvador. Anais do 13º Seminário Docomomo_Brasil. Salvador: Instituto de Arquitetos do Brasil. Departamento da Bahia, 2019. v. 1.

KLIASS, Rosa Grena. *Depoimento*. [outubro, 2012]. **Revista AU**, ed. 223. Entrevista concedida a Mariana Siqueira. Disponível em: <<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/223/artigo271201-1.aspx>> Acesso em 31 ago. 2017.

LIMA, Ana. Gabriela. Godinho. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX**. Altamira Editorial, 2013.

MALDANER, Iandra de Souza. **Dicriminação por gênero no mercado de trabalho paranaense**. IPEA. Menção honrosa. Monografias premiadas, 24 abr. 2007. Disponível em: <http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/mencao_iandrasouza_23.pdf> Acesso em 21 jul. 2017.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999. 188p.

MIRANDA, C. L. **A circulação das teorias artísticas nas revistas brasileiras de arquitetura nos anos 1950**. *Tópicos temáticos*. Páginas de arquitetura moderna brasileira nas revistas especializadas. Rio de Janeiro, 2010.

MOTTA, Débora. **Pesquisa analisa a trajetória de inserção das mulheres no ensino superior**. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Governo do Rio de Janeiro. 28 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.faperj.br/?id=2748.2.6>> Acesso em 15 ago. 2017

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de; PERPÉTUO, Maini de Oliveira. **Setenta e cinco anos da primeira escola de arquitetura do Brasil**. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. 2004.

PEREIRA, Matheus; PEDROTTI, Gabriel Pedrotti. Rosa Kliass: Poeta da paisagem. 06 Out 2017. **ArchDaily Brasil**. ISSN 0719-8906. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/880958/rosa-kliass-poeta-da-paisagem>> Acesso em 2 set. 2017.

SÁ, Flávia Carvalho de. **Profissão**: arquiteta. Formação profissional, Mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero. Dissertação de mestrado. – FAU USP. São Paulo, 2010. 196p.: il.

SALVATORI, Elena. **Análise crítica das relações entre o campo profissional da arquitetura e o âmbito acadêmico de formação de arquiteto no Brasil**: questões de gênero no campo profissional da arquitetura. InfoIAB-RS. Porto Alegre, 22 jun. 2003. Disponível em: <WWW.iabrs.org.br/columasartigo.php?art=14>. Acesso em: 25 abr. 2006.> Acesso em 10 set. 2017

SAVIAETTO, Carine; TEIXEIRA, Cristiane. A cidade e a paisagista Rosa Kliass. **Arquitetura e Construção**, 29 mar. 2017. Disponível em: <<https://arquiteturaeconstrucao.abril.com.br/cidade/a-cidade-e-a-paisagista-rosa-grena-kliass/>> Acesso em 2 nov. 2017.

SÃO PAULO homenageia Rosa Kliass, a grande dama da Arquitetura Paisagística: foi na cidade que ela se formou e implantou seus principais projetos. **CAU/RJ**. Rio de Janeiro, 9 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.caurj.gov.br/sao-paulo-homenageia-rosa-kliass-a-grande-dama-da-arquitetura-paisagistica/>> Acesso em: 1 set. 2017.

SEGAWA, Hugo. **A Acrópole eletrônica**. Revista Acrópole. Introdução. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/>> Acesso em 14 jul. 2017.

SILVA, Maria Angélica da. **Arquitetura Moderna, a Atitude Alagoana (1950-64)**. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 1991.

SILVA, Fernanda Araújo Félix da. **Onde estão as mulheres arquitetas maceioenses?** Um levantamento sobre a produção arquitetônica feminina em Maceió, desde a década de 50 até os dias atuais. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira . **Um olhar na historia:** a mulher na escola (Brasil: 1549 - 1910). II Congresso Brasileiro de História da Educação, Natal, 2002.